

**FACULDADE CATÓLICA DE BELÉM**

**CURSO DE FILOSOFIA**

CHARLES ALBERTO

**PANDEMIA: MORTE EM MASSA E O DISCURSO DA IMORTALIDADE**

Ananindeua - PA

2020

CHARLES ALBERTO

**PANDEMIA: MORTE EM MASSA E O DISCURSO DA IMORTALIDADE**

Trabalho de pesquisa apresentado à Faculdade Católica de Belém, como requisito avaliativo da disciplina antropologia filosófica, ministrado pelo Prof.ª Charles Alberto.

Ananindeua - PA

2020

**1.0 INTRODUÇÃO**

 Este presente trabalho buscará em seu decorrer analisar o atual cenário em que estamos vivendo em decorrência da pandemia causada pelo vírus Covid-19. Esta análise terá como foco principal os discursos políticos, científicos, econômicos, morais e culturais que cercam as discussões acerca da pandemia. Muitos desses discursos buscam minimizar as consequências da pandemia e naturalizar a morte de mais de 100 mil pessoas. Por isso, tendo como base teórica Batista Mondin e pensadores filosóficos expostos por ele, iremos buscar compreender em quê correntes filosóficas esses discursos se alicerçam e como - através do discurso de “grupo de risco” - eles buscam naturalizar a morte de mais de 100 mil pessoas.

 Outro ponto que iremos abordar em nosso trabalho é o sentido da morte e a possível imortalidade do homem. Para isso iremos expor as duas tendências filosóficas em que pensadores de dividiram ao longo dos séculos quando tentaram explicar o sentido da morte e qual seu significado para o homem. A primeira corrente filosófica é a niilista, em que seus simpatizantes defendem que a morte é o fim total do homem, pois para eles a existência do homem não possui qualquer finalidade ou sentido. Opostos a esses pensamentos encontra-se os não- niilistas, que defendem que a morte não assinala o fim total do homem, mas apenas no sentido físico, mantendo sua alma intacta. Para abordar essas duas correntes filosóficas - niilistas e não-niilistas - nos delimitaremos á dois pensadores de cada corrente filosófica. Martin Heidegger e Jean-Paul Charles Sartre com a corrente niilista e São Tomaz de Aquino e Santo Agostinho foram escolhidos para expor os pensamentos não-niilistas.

**2.0 NARURALIZAÇÃO DAS MORTES**

**2.1 DEFINIÇÃO DE MORTE**

 A morte pode ser compreendida de várias maneiras dependendo de vários fatores, pois, a concepção dela ocorre sobre influências culturais (religiosa ou não), social e econômicas. Porém, para que não ocorra um prolongamento a cerca desse assunto, iremos nos atentar a três concepções: universal, biológica e filosófica. Em seu sentido universal, logo o mais amplo, segundo Mondin (1980, pag. 301) “é a cessação do processo vital em um organismo vivo”. Já no seu sentido biológico, a morte é o processo irreversível de perda da atividade altamente organizadas que caracteriza vida. Uma terceira definição de morte é a filosófica, a qual a define como “a separação da alma do corpo (MONDIN, 1980).

**2.2 O INTENCIONADO DISCURSO DO GRUPO DE RISCO**

 Logo no início da pandemia surgiram discursos não só científicos, mas sobretudo político-ideológico determinado que havia algumas pessoas que estariam mais propensas a adquirir o vírus covid- 19 e estariam, consequentemente, mais vulneráveis a irem a óbito. Esse discurso perdura até hoje e ele foi e ainda é motivos de discussões. esse tipo de discurso é muito criticado pela comunidade psicológica e de direitos humanos, uma vez que eles produzem estigmatizam pessoas e grupo sociais. Ademais, eles expõem essas pessoas e esses grupos a um processo de exclusão e culpabilização social.

 **2.2.1 CONSEQUÊNCIAS DA ESTIGMATIZAÇÃO DE INDIVÍDUOS E GRUPOS**

A partir do momento e que se cria essa estatização com o discurso de que tal grupo ou indivíduos são mais vulneráveis a contrair o vírus e irem a óbito, propaga-se uma mentalidade nas pessoas de que a morte dos mesmos é algo esperado e que eles estavam sujeitos a esse fim. Esse discurso muitas vezes defendido pelo presidente do Estado ao afirmar em entrevista ao apresentador José Luiz Datena “vamos enfrentar o vírus. Vai chegar, vai passar. Infelizmente algumas mortes terão, paciência, acontece, e vamos tocar o barco”. Esse discurso também “comprado” pelos seus apoiadores assemelha-se ao discurso de alguns filósofos existencialistas, coo por exemplo Heidegger que defendia que “a morte pertence a estrutura fundamental do homem, é um existencial; não é algo longínqua, mas constantemente presente “(apud MONDIN : BATISTA, 1980, p. 307) .

 Outra consequência desse discurso é a culpabilização desses grupos e uma exclusão em certos momentos. Esses dois fatores ficam muito visível quando algumas pessoas do atual governo federal defenderam o “isolamento vertical”. Nesse tipo de isolamento apenas as pessoas e grupo socias pertencentes ao “grupo de risco” ficariam de quarentena, os demais estariam aptos a voltarem as suas atividades “normais”. Com esse discurso, pessoas que se consideram fora do grupo de risco tem a pseudo percepção que estão imunes ao vírus, enquanto os de grupo de risco acham que a pandemia pertence só a eles.

**3.0 IMORTALIDADE DA ALMA**

**3.1 DIFERENTES CONCEPÇÕES**

As discussões sobre a mortalidade ou imortalidade da alma perdura desde os primeiros filósofos da era socrática e ganhou grande importância na idade média com o aparecimento da filosofia cristã e consequentemente a patrística e escolástica. Porém esses dois períodos não foram suficientes para chegar a um concesso -e nem chegará pois os diferentes pontos de vista fazem-se necessário na filosofia- por isso até a filosofia moderna discute-se sobre essa questão. Atualmente os filósofos que discutem esse assunto dividem-se em duas vertentes: a niilista e não- niilista. Os filósofos da vertente niilista não acreditam na imortalidade da alma, pois segundo Mondin (1980, p. 307) “a morte é o fim total do homem e de toda a sua realidade psicossomática”. Já os não-niilistas não acreditam que a morte seja o fim total do homem, mas apenas a separação do corpo da alma.

**3.2 NIILISTAS**

 Como citado acima, os niilistas acreditam que a morte é o fim total do homem. Um dos seus defensores é o filósofo Martin Heidegger, pois para ele a morte limita e determina a totalidade do homem enquanto Ser uma vez que ela faz parte da essência dele. Acrescenta ainda Heidegger que (apud MONDIN: BATISTA, 1980,P.308) “como a fruta é mantida junto da casca que a limita, assim também a vida humana se torna um todo somente mediante a morte que a delimita, a enforma, a preserva do desnaturar-se. Apenas a morte permite ao homem ser realizado”. Outro filosofo niilista é Sartre. Ele diz que a morte é nada mais que um aspecto da fatualidade, ou seja, nada mais que uma realidade dada ao Ser desde a sua concepção. Para ele é um absurdo o nascimento do homem, torna-se um absurdo a sua morte também. Acrescenta ainda que “é, portanto, um limite permanente dos meus projetos e, como tal, esse limite desse ser assumido.

**3.2 NÃO-NIILISTAS**

 Opondo-se a Heidegger e Sartre temos Santo gostinho e São Tomaz de Aquino. Esses dois filósofos cristãos da idade média “beberam” na fonte de Sócrates e seus discípulos Aristóteles e Platão para defender que a morte não é o fim o fim total do homem, mas apenas a separação do corpo da alma, defendo assim a imortalidade da alma humana. Para Mondin (1980, p. 303):

Agostinho deixou-nos a famosa formulação deste argumento: ‘a alma atinge a verdade no conhecimento intelectivo. Ora, enquanto sede da verdade, a alma é imortal do mesmo modo que a verdade. De fato, se o que se acha em um sujeito é eternamente duradouro, é necessário que o próprio sujeito seja eternamente duradouro. Mas, dado que a ciência reside sempre em um sujeito, é necessário que a alma dure para sempre, caso também a ciência dure para sempre. Mas dado que a ciência é verdade e a verdade dure para sempre, também a alma dura para sempre e não se poderá jamais dizer que ela morre’.

 Partindo da mesma ideia, São Tomás de Aquino vai dizer que a operação intelectiva se realiza sem o curso essencial do organismo corpóreo, ou seja, independe dele, isso implica dizer que a alma, sendo dotada de ação autônoma, é possuidora de seu próprio ato de ser. Já que esse ato se situa na esfera espiritual, a alma torna-se incorruptível e imortal, não podendo, portanto, ser contagiada pela morte do corpo. “mas para provar a imortalidade da alma S. Tomás recorre muito frequentemente também a um outro argumento, o do desejo natural que cada homem possui de não morrer, um desejo que não pode ser vão” (MONDIN, 1980).

**4.0 CONCLUSÃO**

A constante defesa de alguns grupos políticos-ideológico de um discurso de “grupo de risco” teve desde o início o intuito de naturalizar as mortes dessas pessoas, pois ao passo que os números de óbitos cresciam, esses defensores justificam que já era algo esperado, banalizando a vida assim dessas pessoas para não assumirem suas responsabilidades diante de suas atitudes não só fracassadas, mas ouso dizer catastróficas em combate a pandemia do Covid- 19. Esse intuito ficou muito visível quando o chefe do Estado, Jair Bolsonaro defendeu em rede pública o isolamento vertical, que abrangeria apenas as pessoas do “grupo de risco”. Tal posicionamento menosprezava a vida humana em prol da retomada da economia brasileira.

 Outro ponto abordado no presente trabalho foi sobre a imortalidade ou não da alma. Expomos duas formas que se opõe no pensamento filosófico. Os niilistas representados pelos existencialistas Heidegger e Sartre defendem que a morte representa o fim total do homem e que ela faz parte da natureza dele e desde sempre ele está propicio a morrer, pois assim como sua concepção é algo repentino, assim também é sua morte. Já os não-niilistas representados pelos filósofos cristãos São Tomás de Aquino e Santo agostinho defendiam que a morte não é o fim total do homem, mas somente a separação da alma do corpo. Para eles a alma não pode ser mortal por dois motivos: o primeiro é que, segundo Santo Agostinho a alma concebe a verdade, sendo a verdade algo imortal logo seu receptor tende a ser também imortal. O segundo argumento é de S. Tomás, que acredita que o ato de operação intelectiva realizado pela alma para conceber a verdade independe do organismo corpóreo, portanto a morte ou interrupção do estado corpóreo não atingiria a alam, sendo esta independente.

**5.0 BIBLIOGRAFIA**

**o homem: quem é ele?: elementos da antropologia filosófica**. MONDIN, Batista. São Paulo: edições paulinas, 1980.

 VASCONCELOS, Renato. O que Bolsonaro falou até agora? **O Estado de São Paulo**, 2020. Disponível em: [https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,coronavirus-o-que-bolsonaro-ja-falou-ate-agora-sobre-a-pandemia,70003234776/](https://politica.estadao.com.br/noticias/geral%2Ccoronavirus-o-que-bolsonaro-ja-falou-ate-agora-sobre-a-pandemia%2C70003234776/) acesso em 07 de Outubro de 2020, as 09:34.